

## GRUPO CORPO SOB OITO OLHARES DISTINTOS

*Daniela Reis\**



A bibliografia acerca das manifestações culturais no Brasil, ainda é bastante reduzida. No campo da dança, a escassez de trabalhos publicados mostra-se um pouco maior. E ainda maior quando o propósito do trabalho é abrir diálogo para a interdisciplinaridade.

Essa foi justamente a proposta de *Oito ou Nove Ensaio Sobre o Grupo Corpo*, lançado em agosto do ano 2000 pela Cosac & Naify e apresentado por Inês Bógea, a qual encerrou recentemente uma carreira de 12 anos como bailarina do Grupo Corpo para iniciar a de crítica de dança.

O Grupo Corpo Companhia de Dança criado em 1975 pelos irmãos Peder-

---

\* Graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestre em História da Cultura pela mesma Universidade, bailarina e membro do Núcleo de Estudos em História Social a Arte e da Cultura (Nehac). E-mail: danie.reis@zipmail.com.br

neiras e por um grupo de amigos, em Belo Horizonte é considerado pela grande parte da crítica especializada como um dos melhores grupos de dança do país.

Na apresentação do livro, a organizadora reconstitui toda a história do grupo, comenta cronologicamente os espetáculos, desde *Maria Maria* (1976) até o atual *O Corpo* (2000). Apresenta-nos uma extensa bibliografia sobre o grupo (da qual a grande maioria se refere a publicações em jornais nacionais e internacionais), expõe ao longo do livro fotos (fotografias de José Luiz Pederneiras) de alguns trabalhos mais recentes e abre espaço para comentários e reflexões para oito colaboradores pertencentes às áreas de Jornalismo Cultural, Artes Visuais, Filosofia, Literatura, Música, Política e Psicanálise. Cada um destes profissionais oferece uma leitura rica, particular e ao mesmo tempo abrangente sobre a companhia.

A intenção do livro é justamente pensar o Grupo Corpo no contexto mais amplo da cultura brasileira pois, com seus 26 anos de existência demonstra não apenas rigor técnico, virtuosismo e linguagem corporal própria, como também temáticas referentes a nossa história e a nossa cultura.

“A dança do Corpo ensina perguntas muito ricas para todas essas disciplinas, e a dança, escutando respostas tão diversas, terá de sua parte o que aprender também.” (Inês Bógea)

O livro inicia com o belíssimo texto de Luiz Fernando Veríssimo sobre a brasilidade do Grupo Corpo, brasilidade esta que se tornou referência não só para ele, como também para todos aqueles que acompanham o trabalho do Grupo. Segue para a apresentação de Inês Bógea na qual ela não apenas apresenta a história da companhia, coreografias e criações, como também contextualiza as obras. Infelizmente, sua apresentação apresenta um sério equívoco histórico: situa os anos de 1980 como sendo os anos do “milagre econômico” e os “anos de chumbo”, eventos situados quase que uma década antes. Mas é preciso reconhecer que seu texto é das melhores apresentações da trajetória do grupo e que sua iniciativa muito contribui no sentido de nos permitir leituras interdisciplinares, reforçando o abrangente campo em que a dança se insere.

O artista plástico, mestre em filosofia e doutor em artes Marco Giannotti dá a sua contribuição à dança. Professor da ECA/USP, Marco analisa as diferenças entre o clássico e o barroco tendo como pano de fundo as obras do Corpo. As cinco distinções conceituais por ele abordadas são retiradas do livro de Heinrich Wölfflin intitulado: *Conceitos fundamentais da história da arte* (1915), cujo autor considera aplicáveis a outras épocas e outras áreas e não somente a pintura. Segundo Marco, tais conceitos encaixam nos trabalhos da Companhia o que vêm a “confirmar este aspecto dúbio do Grupo Corpo, ora clássico, ora barroco” e após uma leitura dos espetáculos: *Missa do Orfanato* (1989), *Benguelê* (1998), *Nazareth* (1993), *21* (1992) e *O Corpo* (2000), ele conclui:

“A sua qualidade (do Grupo Corpo) não pode ser medida por conceitos tão estranhos ao mundo moderno. Mas não deixa de ser interessante resgatar alguns conceitos do passado que parecem se fundir e até se diluir no mundo contemporâneo e que permanecem de alguma forma presentes como referências da nossa percepção.”

Tanto para Marco Giannotti como para Artur Netrovski também ensaísta do livro, o trabalho do Corpo ainda guarda vínculos com o universo neoclássico. Talvez o fator mais relevante para essa observação seja a técnica clássica presente na formação dos bailarinos. Os aspectos enfocados nos ensaios de ambos são distintos, Marco irá partir de uma leitura sobre o trabalho de iluminação dos espetáculos e Netrovski faz sua leitura a partir das trilhas sonoras dos espetáculos.

É interessante percebermos que cada um dos convidados manteve um tipo de reflexão que norteia a sua produção profissional, passando a aplicá-la a uma área na qual não habita, o que não invalida de forma alguma o trabalho, muito pelo contrário, pois funciona principalmente como um indicativo de como a dança é entendida e pensada por profissionais de outras áreas.

O trabalho desses profissionais/colaboradores está longe de qualquer preconceito e é talvez Renato Janine Ribeiro quem melhor apresenta essa hipótese por meio da figura que criou: “o culto leigo”, e com ele explica como entende a relação da laicidade com a cultura:

“Professo, por exemplo, a filosofia e sou leigo em antropologia, dança, cinema. Mas isso não me impede de me ver inspirado — em minha produção — por aquilo que vislumbro enquanto leigo. [...] é importante que o leigo culto não aprenda os arcanos da dança. Que desconheça a técnica, a história, as referências. Que nem mesmo saiba bem quais são os passos que prevaleceram historicamente, e onde este espetáculo marca uma ruptura, um contraste. É fundamental preservar com rigor e carinho, diante pelo menos de algumas experiências estéticas (ou da vida), o estranhamento, a impossibilidade de lhes atribuir um sentido. Devemos nutrir com amor essa falta de sentido que — não tudo, porque aí não conseguiríamos viver — mas pelo menos algumas vivências essenciais preservam.”

E ainda arrisca:

“Sem o saber, o leigo talvez saiba melhor da arte que o profissional”

Também resultado de sabedoria e enlevo é a reflexão da psicanalista, ensaísta e poeta Maria Rita Kehl, que abre seu ensaio com a poesia “*Trapos de*

*Nuvens*” (1917-18) de Maiakovski fazendo aos trabalhos do Corpo uma alusão às brincadeiras infantis. Rita, sem nenhuma pretensão de falsa modéstia, classifica-se como uma “*leiga de espetáculo de dança*” afirmando:

“É impossível que o fascínio seja um estado de fruição estética que depende de uma certa ignorância para se alcançar.”

Porém, leigos ou ignorantes em dança, os ensaios produzidos por Renato Janine, Rita Kehl e os outros seis colaboradores do livro são de uma percepção e sutileza respeitável por qualquer profissional da dança. Eles fazem uma leitura histórica, antropológica, poética e reflexiva dos espetáculos sem sair do contexto da dança.

O processo de criação, os movimentos corporais, a música, o ritmo, enfim, todo os elementos que constituem o espetáculo são lidos de forma tênue e inteligente.

Não podemos deixar de citar o ensaio de Eliane Robert Moraes que, recorrendo ao personagem de *Sobre o Teatro de Marionetes* escrito no início do século XIX por Heinrich Von Kleist, explica como leveza e mobilidade se relacionam com a sustentação do centro do corpo. E, é claro, o comentário musical de Humberto Werneck, onde ele vai citar as trilhas usadas no trabalho do Grupo Corpo, seus compositores e a importância destas para a criação de Rodrigo Pederneiras, o coreógrafo do grupo.

O volume se fecha com texto de Zuenir Ventura, “Viva o corpo brasileiro”, onde ele irá situar o trabalho da companhia dentro do contexto histórico, afirmando:

“Há uma história inscrita no corpo desse Grupo, uma quase imperceptível e indelével cicatriz.” (...)” A nossa história é o nosso corpo.”

Os méritos do livro *Oito ou Nove Ensaios Sobre o Grupo Corpo*, vão além do curso das palavras registradas, ao possibilitar leituras ecléticas, ao contrário da maioria que fica restrita às cercanias acadêmicas. Vale observar, também, o quanto a iniciativa de Inês Bógea contribui para o registro da história da dança de nosso país. A contribuição a uma área tão carente no Brasil, como a teorização em dança, é sempre muito bem-vinda, principalmente da forma competente como foi realizada.

Aplausos!